

O FIM DA IDENTIDADE EVANGÉLICA: UMA ANÁLISE DIALÉTICA DA FRAGMENTAÇÃO DOUTRINÁRIA, SUAS CONSEQUÊNCIAS POLÍTICAS E O IMPERATIVO DA DIVERSIDADE NO BRASIL

Helio Aparecido Teixeira*

RESUMO

O crescimento numérico do segmento evangélico no Brasil foi acompanhado por uma intensa diversificação interna (entre históricos, pentecostais, neopentecostais e desigrejados), culminando numa crise de identidade, à qual vem sendo aplicada uma tentativa de resolução por meio de uma intensa agenda de politização dos espaços e das percepções da fé religiosa. Neste sentido, o presente artigo aborda a crescente fragmentação doutrinária e a pulverização denominacional dentro do evangelicalismo brasileiro, questionando a validade e a existência de um centro teológico comum que possa sustentar a categoria “evangélico” como uma identidade coesa e significativa no cenário contemporâneo. O argumento central é desenvolvido através de uma leitura teológica dialética, inspirada em Karl Barth, que interpreta a atual politização da fé — manifestada na ascensão da “Bancada Evangélica” e na busca por um projeto de poder — como um “Não” de Deus a essa tentativa de construir uma “cristandade” à fórceps. Em contrapartida, o “Sim” divino é identificado nas ações de amor incondicional e no respeito às diferenças, uma perspectiva que é ancorada na vasta diversidade genética do povo brasileiro como uma chave hermenêutica. Conclui-se que a fé é uma experiência fundamentalmente individual e que a tentativa de impor princípios cristãos como política de Estado representa um desvio da verdadeira vocação da Igreja, que é ser um reflexo de Cristo na sociedade, e não forjar uma “sociedade de Cristo”.

Palavras-chave: evangelicalismo brasileiro; fragmentação doutrinária; teologia dialética; diversidade.

ABSTRACT

The numerical growth of the evangelical segment in Brazil has been accompanied by an intense internal diversification (among historical, Pentecostal, neo-Pentecostal, and de-churched groups), culminating in an identity crisis that has been met with attempts at resolution through a strong agenda of politicization of both religious spaces and perceptions of faith. In this regard, the present article addresses the increasing doctrinal fragmentation and denominational dispersion within Brazilian evangelicalism, questioning the validity and very existence of a common theological core capable of sustaining the category “evangelical” as a cohesive and meaningful identity in the

* Graduado em teologia e pedagogia. Possui doutorado em Teologia pela Faculdades EST, São Leopoldo, RS; doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel, RS. É pesquisador associado da Faculdades EST. Contato: heliutopia@gmail.com

contemporary context. The central argument is developed through a dialectical theological reading, inspired by Karl Barth, which interprets the current politicization of faith—manifested in the rise of the “Evangelical Caucus” and the pursuit of a political project of power—as God’s “No” to this attempt to forge a “Christendom” by force. Conversely, the divine “Yes” is identified in acts of unconditional love and respect for differences, a perspective anchored in the vast genetic diversity of the Brazilian people as a hermeneutical key. It concludes that faith is a fundamentally individual experience and that the attempt to impose Christian principles as state policy represents a deviation from the true vocation of the Church, which is to be a reflection of Christ in society, rather than to construct a “society of Christ.”

Keywords: brazilian evangelicalism; doctrinal fragmentation; dialectical theology; diversity.

INTRODUÇÃO

O cenário religioso brasileiro tem sido palco de transformações profundas nas últimas décadas, com o crescimento exponencial do segmento evangélico sendo uma de suas características mais marcantes. Se em 1970 os evangélicos representavam apenas 5% da população, dados recentes indicam que ultrapassam os 26%, com projeções de que se tornem a maioria religiosa do país num futuro próximo.¹ Contudo, esse crescimento numérico não veio acompanhado de uma coesão interna. Pelo contrário, o que se observa é uma intensa fragmentação doutrinária e uma pulverização denominacional que desafiam qualquer tentativa de definir um “centro comum” para a identidade evangélica. A pergunta que se impõe é: ainda é possível falar em “evangélico” como uma categoria teológica significativa?

Neste artigo, propõe-se a traçar um panorama dessa diversidade interna e analisar seus efeitos na coesão doutrinária, eclesial e, crucialmente, na atuação pública dos evangélicos no Brasil. A ascensão da chamada “bancada evangélica” e a crescente associação de lideranças e igrejas com a política partidária, especialmente em suas vertentes mais conservadoras e radicais, tornaram essa questão ainda mais urgente. Tal fenômeno levanta sérias questões sobre a natureza da fé cristã e seu papel na esfera pública, culminando em debates sobre a imposição de uma agenda

¹ PAULO, Paula Paiva. Crescimento da população evangélica no Brasil. **G1**, 26 jun. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/censo/noticia/2025/06/06/1-em-cada-4-brasileiros-e-evangelico-percentual-e-maior-entre-mais-jovens-mostra-ibge.ghtml>. Acesso em: 16 set. 2025.

moral específica – como a criminalização do aborto ou das drogas – sobre toda a sociedade, em detrimento do Estado laico.

Para delinear uma aproximação teológica a essa complexa realidade, recorre-se à teologia dialética, em especial à abordagem de Karl Barth. Utiliza-se a noção dialética de que a *época presente*, marcada por esses radicalismos e pela busca de poder político, vem marcada pela vontade e desejo religioso de poder, constituindo um sonoro “Não” de Deus à realidade buscada por esses grupos que desejam construir de baixo para cima uma cristandade tupiniquim. Em contrapartida, o “Sim” divino, a afirmação de sua graça e vontade, insinua-se transfigurado, não nas estruturas e jogos de poder, mas nas ações serenas e humildes *daqueles que ousam amar sem preconceito e sem condições*, conforme apontam os Evangelhos, a exemplo da figura disruptiva do samaritano na célebre parábola narrada por Lucas (Lucas 10.25-37).

Argumenta-se que a chave para compreender verdadeiramente o tempo presente, no Brasil, está em reconhecer a natureza intrinsecamente diversa da nação. Pesquisas genéticas recentes, que mapearam o DNA dos brasileiros, confirmam o Brasil como a nação mais diversa do mundo, um verdadeiro mosaico de ancestralidades. Esta diversidade não é um acidente, mas um reflexo da riqueza da criação. O “Sim” *de Deus*, portanto, está no amor e no respeito ao próximo em sua complexa e rica identidade, inclusive genética. A fé, como Kierkegaard insistiria, é um evento que ocorre no indivíduo, e somente o indivíduo, ao receber o Espírito de Deus, pode assumir os mandamentos divinos.² Esta é uma convicção que não pode ser imposta pela força do Estado. Não existe “Estado cristão” ou “pátria cristã”; o que existe são cristãos chamados a viver a verdade do Evangelho, sendo seu reflexo a presença de Cristo na sociedade, mas nunca a imposição de uma “sociedade de Cristo” sobre aqueles que não creem.

² KIERKEGAARD, Sören. **O desespero humano**. 6. ed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1979. p. 201-211.

1 PANORAMA DA FRAGMENTAÇÃO EVANGÉLICA NO BRASIL

O evangelicalismo brasileiro, em sua trajetória de expansão, desenhou um mosaico complexo e multifacetado. Longe de ser um bloco monolítico, o movimento é caracterizado por uma profunda diversidade interna e uma contínua fragmentação doutrinária. A própria designação evangelical é estranha a determinados grupos do mundo protestante, a exemplo de grande parte de luteranos e episcopais anglicanos. Esta seção é dedicada a explorar as nuances dessa diversidade, desde a distinção entre os grupos históricos, pentecostais e neopentecostais, até a análise de sua crescente e controversa participação na arena política.

1.1 As Múltiplas Faces do Evangelicalismo: Históricos, Pentecostais, Neopentecostais e Desigrejados

A classificação mais comum do campo evangélico brasileiro o divide em três grandes vertentes: os evangélicos de missão (ou históricos), os pentecostais, os neopentecostais e os assim chamados grupos de desigrejados que vêm cada vez mais delineando as estatísticas sobre o crescimento protestante no Brasil.³ Essa divisão, embora útil para fins analíticos, não dá conta da totalidade da pulverização denominacional, pois “ao contrário da tradição católica, o protestantismo que surgiu da Reforma do século XVI foi muito mais longe na variedade de tendências e instituições que gerou, e desde cedo revelou-se incapaz de conservar-se unido”,⁴ oferece, todavia, um ponto de partida para a compreensão das principais correntes teológicas e litúrgicas.

Os evangélicos históricos, herdeiros diretos da Reforma Protestante do século XVI, incluem denominações como as igrejas Batista, Presbiteriana, Metodista,

³ BILHALVA, Alexandre Oliveira. **Os desigrejados**: estudo sobre o fenômeno da desinstitucionalização contemporânea nas igrejas evangélicas. Dissertação. 114 f. (Mestrado em Teologia) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/9167/2/FINAL%20defendido.pdf>. Acesso em: 15 set. 2025.

⁴ MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990. p.11.

Episcopal Anglicana e Luterana. São caracterizados por terem teologia racional, liturgia estruturada na tradição da igreja antiga e uma ênfase ponderada na autoridade da Bíblia como fundamento dos seus princípios e valores de fé. A maior parte destes grupos se configurou a partir do trabalho de especialistas nas Escrituras. Por isso, há uma valorização dos estudos científicos da Bíblia. Historicamente, eles mantiveram uma postura de maior distanciamento da política partidária, embora essa realidade venha se alterando nas últimas décadas.

Os pentecostais, por sua vez, surgiram no início do século XX e se distinguem pela ênfase nos dons do Espírito Santo, como a glossolalia (falar em línguas), a cura divina e a profecia. Segundo previsões do senso de 2022, a maior parte das maiores denominações protestantes são pentecostais e neopentecostais. A Assembleia de Deus é a maior, com 29,1% dos evangélicos, a Congregação Cristã no Brasil possui 5,4% do total, e a Igreja do Evangelho Quadrangular com 4,3%. Em números, esses são os maiores representantes desse segmento, que experimentou um crescimento vertiginoso ao longo do século passado, especialmente nas periferias dos grandes centros urbanos. De maneira geral, sua liturgia é marcada pela não linearidade do calendário dos eventos históricos da morte e ressurreição de Cristo, bem como pela busca de experiências emocionais intensas. Sobre os pentecostais, diz Silveira Campos, eles fizeram da liturgia “[...] uma fonte de alegria, decompressão psicológica, lugar da música e da dança, um tempo destinado a recarregar a consciência de otimismo, esperanças e utopias, deixando-se para fora do templo as misérias do mundo”.⁵

Por fim, os neopentecostais, que emergiram a partir da segunda metade da década de 1970, representam a terceira etapa de um movimento histórico. Igrejas como a Universal do Reino de Deus, a Internacional da Graça de Deus e a Renascer em Cristo são seus principais expoentes. O neopentecostalismo se notabiliza pela forte presença na mídia, pela ênfase na teologia da prosperidade – que associa a fé à conquista de bens materiais – e por uma postura mais pragmática e agressiva na esfera pública, incluindo a política. A teologia da prosperidade, levada a cabo por estas

⁵ SILVEIRA CAMPOS, Leonildo. Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p.504-533, jul./set. 2011. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/download/P.2175-5841.2011v9n22p504/2909/10387>. Acesso em: 15 set. 2025.

igrejas, espalhou-se de modo poderoso pelas outras denominações nas duas últimas décadas. Recentemente emergiu uma nova modalidade de liderança chamada *coach*, que busca unir o ideal do sujeito empreendedor de si mesmo como um tipo de especialista do “bem-estar que prega uma gestão de si e uma psicologia positiva voltada para o aperfeiçoamento pessoal”.⁶ Hoje, a teologia que prega a benção ao fiel sob o tilintar da moeda no fundo do gazofilácio, e que como consequência, sua alma alça voos de prosperidade financeira, está disseminada pelas igrejas, sejam elas históricas, sejam elas pentecostais ou neopentecostais, ou mesmo entre desigrejados.⁷

Essa fragmentação das igrejas protestantes, como apontam Brandão e Jorge,⁸ não é um fenômeno recente, mas uma característica intrínseca ao protestantismo desde suas origens. Assim como a igreja de Jesus surgiu sob uma produtiva pluralidade, nos primeiros séculos, as igrejas do protestantismo, após o período reformatório do século XVI, também se pluralizou. A livre interpretação da Bíblia, um dos pilares da Reforma, abriu espaço para uma contínua diversificação de doutrinas e práticas, resultando na miríade de denominações que observamos hoje. No Brasil, essa tendência foi potencializada por fatores sociais e culturais, como a busca por novas formas de pertencimento e a crise das instituições tradicionais em não conseguirem responder às novas condições sociais e culturais do período pós-escravidão (1888). Ao longo do século XX, o protestantismo, em suas inúmeras vertentes, procurou se fazer cada vez mais integrado à cultura brasileira e, por vezes, buscou se afirmar diante do predomínio do catolicismo. Sendo daí, a emergência de práticas de enfrentamento das igrejas, em especial as pentecostais e neopentecostais, às formas culturais do catolicismo, inclusive a formação de pautas

⁶ PIO, Guilherme Nonato. Evangelhos Neoliberais: as narrativas digitais dos pastores coaches. 22º CONGRESSO DE SOCIOLOGIA, USP, São Paulo, 15-18 de julho, 2025. Disponível em: <https://www.sbs2025.sbsociologia.com.br/arquivo/downloadpublic?q=eyJwYXJhbXMiOiJ7XCJRF9BUIFVSZVPXCI6XCI1MDcxXCJ9IiwiaCI6IjA2ZGM3ZTA0MmRmYjYzOTEwODVIMmFkN2lwOGVjMWM2In0%3D>. Acesso em: 15 set. 2025.

⁷ LEMOS, Carolyne Santos. Teologia da Prosperidade e sua expansão pelo mundo. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 11, n. 20, p. 80-96, jul/dez, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/download/35992/24781/99230>. Acesso em: 15 set. 2025.

⁸ BRANDÃO, André Augusto Pereira; JORGE, Amanda Lacerda. A recente fragmentação do campo religioso no Brasil: em busca de explicações. **Revista de Estudos Sociais**, p. 79-90, jul. 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/revestudsoc/46128>. Acesso em: 16 set. 2025.

políticas defendidas por uma frente parlamentar, designada como “Bancada Evangélica”,⁹ cujo objetivo vem sendo o de captar as motivações e interesses de setores protestantes em torno da defesa de interesses próprios destes grupos e de projetos de lei voltados à defesa de valores religiosos e não republicanos, como foi o caso da PEC 164/12.¹⁰

1.2 A Emergência da “Bancada Evangélica” e a “Politização da Fé” como sintoma da época

A crescente influência do evangelicalismo na sociedade brasileira encontrou sua expressão mais visível na formação da chamada “Frente Parlamentar Evangélica” no Congresso Nacional, popularmente conhecida como “Bancada Evangélica”. Composta por parlamentares de diferentes denominações e partidos, a bancada atua na defesa de uma agenda conservadora que busca barrar temas como aborto, direitos das mulheres, direitos da comunidade LGBTQI+ e legalização das drogas, entre outras pautas.¹¹ Sua atuação tem sido marcada por uma forte articulação política e pela capacidade de influenciar decisões importantes tanto no Legislativo quanto no Executivo.

A aproximação entre igrejas evangélicas e política partidária não é um fenômeno novo, mas se intensificou nas últimas décadas. Fatores como a baixa institucionalização partidária no Brasil e a fraca presença do Estado em diversas áreas abriram espaço para que as igrejas atuassem como mediadoras entre a população e

63

⁹COSTA, Magnus Carlo de Oliveira. **A Frente Parlamentar Evangélica e Apoio à Vida (FPE): desafios para a teologia pública**. São Leopoldo, RS, 2015. Dissertação. 86 p. (Mestrado Profissional) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2015. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/601/1/costa_mco_tmp390.pdf. Acesso em: 15 set. 2025.

¹⁰ BRASIL. Câmara dos Deputados. **PEC 75/2019**. Proposta de Emenda à Constituição. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2229539>. Acesso em: 15 set. 2025.

¹¹ PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan William dos. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica. **Tempo Social**, 29(2), p. 187-213, 2017. p. 187. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.110052>. Acesso em: 15 set. 2025.

o poder público.¹² A própria organização capilar das igrejas, especialmente as pentecostais e neopentecostais, facilita a mobilização de fiéis e a transmissão de informações políticas, transformando púlpitos em palanques e pastores em cabos eleitorais.

Já nas eleições de 2010, muito se falou sobre uma “mordança gay”¹³ que estaria sendo imposta aos evangélicos pelo PL 122, um projeto de lei que buscava criminalizar a homofobia. A eleição de Jair Bolsonaro em 2018 representou um marco nesse processo, com um alinhamento explícito entre o então candidato e importantes lideranças evangélicas. O apoio maciço de eleitores evangélicos foi fundamental para sua vitória, consolidando a imagem de um segmento coeso e politicamente alinhado à direita. No entanto, a ideia de um “voto evangélico” monolítico é uma simplificação. Pesquisas recentes mostram uma crescente diversidade política dentro do próprio campo evangélico, com o surgimento de movimentos progressistas e a eleição de candidatos de esquerda que se identificam com a fé evangélica.¹⁴ A suposta identidade evangélica em 2018 é um fenômeno multifacetado e de difícil redução epistêmica, uma vez que as razões para sua confluência ocorrem na presença de novos e inéditos sistemas de comunicação, como a internet e os aplicativos de mensagens privadas, e da crise enfrentada pelo chamado “campo progressista” desde 2016; porém, o certo é que houve um alinhamento institucional de grande parte das maiores denominações evangélicas do país à campanha do então candidato Bolsonaro. Além disso, as pesquisas estatísticas comprovam que dentre os evangélicos, Bolsonaro obteve a maioria dos votos em 2018. Jair Bolsonaro foi o primeiro presidente alinhado às correntes protestantes do pentecostalismo e do neopentecostalismo, ainda que se afirme como um católico,¹⁵ a chegar ao Palácio do

¹² MAIA, Eduardo Lopes Cabral. Os evangélicos e a política. **Em Tese**, v. 2, n. 2, p. 91-112, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/13538>. Acesso em: 16 set. 2025.

¹³ APOLINARIO, Carlos. O Congresso deve aprovar o projeto de lei que criminaliza a homofobia? NÃO. **Folha de São Paulo**, Tendências/Debates, São Paulo, 04 dez. 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0412201008.htm>. Acesso em: 16 set. 2025.

¹⁴ VENCESLAU, Pedro. “PT vai ter mais evangélicos nas direções partidárias”, diz dirigente. **CNN Brasil**, 07 abr. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/pedro-venceslau/politica/pt-vai-ter-mais-evangelicos-nas-direcoes-partidarias-diz-dirigente/>. Acesso em: 16 set. 2025.

¹⁵ Católico ou evangélico? Qual a religião de Bolsonaro? **UOL**, São Paulo, 06 nov. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/10/06/catolico-ou-evangelico-qual-a-religiao-de-bolsonaro.htm?cmpid=copiaiecola>. Acesso em: 16 set. 2025.

Planalto pelo voto popular. Anteriormente, Café Filho e Ernesto Geisel, respectivamente um presbiteriano e um luterano, haviam chegado à Presidência da República por via indireta.¹⁶

Apesar dessa diversidade, a face pública do evangelicalismo brasileiro ainda é majoritariamente associada ao conservadorismo político e moral. A defesa de uma “pátria cristã” e a tentativa de impor uma agenda religiosa ao Estado laico geram tensões e conflitos, questionando a compatibilidade entre os valores democráticos e a atuação política de certos grupos religiosos.

2 O “SIM” E O “NÃO” DE DEUS: UMA LEITURA TEOLÓGICA DA CRISE

Diante do complexo e contraditório panorama do evangelicalismo brasileiro, a teologia dialética, especialmente como formulada por Karl Barth, oferece uma poderosa ferramenta de análise. A crise de identidade, a fragmentação doutrinária e a problemática politização da fé podem ser interpretadas não apenas como fenômenos históricos e sociológicos, mas como um drama teológico no qual o “Sim” e o “Não” de Deus se manifestam de forma contundente.

65

2.1 A Dialética do “Sim” e do “Não” em Karl Barth

Karl Barth, em sua monumental obra, especialmente em seu comentário à “Carta aos Romanos”, desenvolveu uma teologia que ficou conhecida como “teologia da crise” ou “teologia dialética”. Para Barth, a relação entre Deus e o ser humano é marcada por uma “infinita diferença qualitativa”.¹⁷ Deus é o “totalmente outro”, e qualquer tentativa humana de alcançá-lo por meio da religião, da moral ou da razão está fadada ao fracasso. A religião, para Barth, é a mais alta forma de incredulidade, a tentativa do ser humano de controlar e manipular Deus, de construir uma torre de Babel que alcance os céus.

¹⁶ DINIZ ALVES, José Eustáquio. O voto evangélico garantiu a eleição de Jair Bolsonaro. *IHU*, 01 nov. 2018. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/pedro-venceslau/politica/pt-vai-ter-mais-evangelicos-nas-direcoes-partidarias-diz-dirigente/>. Acesso em: 16 set. 2025.

¹⁷ BARTH, Karl. **A carta aos Romanos (Segunda versão) 1922**. KOOL, Cornelius van der; TOLSTAJA, Katja (Eds.). São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2016. p. 43-55.

É nesse contexto que a dialética do “Sim” e do “Não” se torna central. O “Não” de Deus é o seu julgamento sobre toda a realidade humana, incluindo a religião, a buca humana por Deus, que se mostra revelação da ira divina contra o pecado, a lei que expõe a nossa transgressão e nos leva ao desespero, à consciência de nossa total incapacidade de nos salvarmos a nós mesmos. O “Não” é a crise, o colapso de nossas certezas e seguranças. No entanto, o “Não” de Deus não é a sua última palavra. Em meio à crise, no ponto mais profundo do desespero, ressoa o “Sim” de Deus. Este “Sim” é a sua graça incondicional, manifestada de forma definitiva em Jesus Cristo. É a justificação pela fé, o dom gratuito da salvação que não depende de nossos méritos, mas unicamente da soberania e do amor de Deus. A fé, nesse sentido, não é uma conquista humana, mas a resposta ao chamado *de Deus*, a aceitação humilde de sua graça.

Barth, semelhante a Kierkegaard, percebe a fé não como uma questão de doutrina ou de pertencimento a uma instituição, mas como um paradoxo que acontece na existência de cada pessoa. O exemplo máximo desse paradoxo é Abraão, o “cavaleiro da fé”, que se dispõe a sacrificar seu filho Isaac em obediência a uma ordem divina que suspende a ética e a razão, e que pela gratuidade divina sabe-se libertado de tal ofício, pois em nenhuma situação da existência humana há resignação sem paradoxo.¹⁸ Assim como Kierkegaard, Barth denuncia uma fé meramente cultural, ética, uma “cristandade” que se tornou uma formalidade social, desprovida de paixão e de compromisso individual, pior do que isso, uma cristandade que justifica a guerra, o ódio contra o diferente, dando aparência de racionalidade à morte da diversidade. A verdadeira fé, para ele, acontece no indivíduo, na relação singular e intransferível com o Absoluto. É uma decisão que envolve risco, angústia e a aceitação do paradoxo de que o Deus eterno se fez ser humano no tempo, em Jesus Cristo.

Barth argumenta que o tempo, que marca o ser humano, e a eternidade, que marca Deus, são absolutamente diferentes. O tempo é o instante pego num momento que tem em si sua própria dissolução, sua tentativa de perceber o contínuo, o eterno; o tempo ao *ser*, enquanto um é, já perdeu seu fluxo, e por isso, o que nos resta é a procura dinâmica entre o *Não* e o *Sim*; entre a crise, a inconstância, e a revelação, o

¹⁸ KIERKEGAARD, Søren. **Temor e tremor**. Lisboa: Guimarães Editores, 1990.

assossego momentâneo da alma. Deus, enquanto fluxo, escapa ao ser humano; o ser humano, enquanto temporalidade, ao captar o não humano – o totalmente outro – pega-o num momentâneo, num congelado algo que borrado. Por isso, ao tentarmos falar de Deus em linguagem humana, acabamos por fazer uma imagem distorcida, um ídolo;¹⁹ então nos vemos pegos na paixão pelo “aspecto da forma”, isto é, pelo ídolo. Mas cuide, uma vez que o ídolo é sempre uma imagem, uma forma, um vulto, uma aparição que procede de nós mesmos, qualquer forma de pensamento – enquanto produção humana – também está sob o risco da idolatria. Daí ficar mais perceptível a orientação do deuteronomista para que não façamos imagem de qualquer coisa, tanto acima, do divino, quando abaixo, do humano, nem as reverenciemos, pois tanto num caso, quanto noutro, o que estamos apreciando não passa de um fenômeno, a bem dizer, um espectro, uma imagem, um vulto. A única imagem autorizada a nós, trata-se daquela encontrada na tangente entre o divino e o humano, transcendência encontrada na afirmação da vida de Jesus em suas implicações mais concretas, a nos revelar os Evangelhos em suas dramatizações de um filho que para ser Deus é, antes de tudo, um filho (Lucas 2.46-47); para ser um salvador é, antes e mais nada, um sofredor, que sofre a dor alheia, a humilhação, a perseguição (Marcos 15.22-23; Mateus 27.33-34), os dissabores laborais, a emigração, o exílio, a perda (Mateus 2.13-23), a tentação (Mateus 4.1-11), o abandono (Mateus 27.46), a traição (Mateus 26.1-5; 14-16), a privação e - como última constância fatal - a morte (Marcos 15.34-37); destino de todos aqueles que são vivos (Salmos 103.15-16). Jesus, assim, mergulha no completo destino humano, e toca a tangente da eternidade e do tempo ao ressuscitar, elevando consigo o gênero humano a um ponto de não retorno, a saber, a consciência de que toda a criação é obra de Deus, e que homens e mulheres, reunindo em si a generalidade da espécie, possuem a sua dignidade daquela imagem nunca estática, daquela atividade que nunca se deixa pegar, senão por um espelho distorcido, uma semelhança à imagem de Deus.

A fragmentação doutrinária, a busca por poder político, a instrumentalização da fé para fins ideológicos e a imposição de uma moralidade legalista são manifestações da “religião” no sentido barthiano: a tentativa humana de construir seu próprio caminho

¹⁹ BARTH, Karl. **Dádiva e louvor**: ensaios teológicos de Karl Barth. 4. ed. revisada. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2018. p. 69-70.

para Deus, de usar o nome de Cristo para seus próprios projetos de poder, é sempre a retumbância do Não de Deus à religiosidade. A transformação de igrejas em currais eleitorais, a defesa de uma “pátria cristã” e a aliança com projetos políticos que promovem a exclusão e a violência são a antítese do Evangelho. É a negação da “infinita diferença qualitativa”, a tentativa de domesticar Deus e colocá-lo a serviço de interesses humanos. É a construção de uma nova Torre de Babel, que inevitavelmente atrai sobre si o juízo divino. Essa tentativa de unir sob a religião uma institucionalidade da igreja já foi experimentada na Idade Média e Moderna, e suas consequências foram o colonialismo e a tirania de uma missão que não é *de Deus*, mas dos seres humanos, e mesmo das instituições e do direito.

Onde, então, encontrar o “Sim” de Deus? Ele não está nos discursos inflamados dos púlpitos políticos, nem nas demonstrações de força da bancada evangélica, ou nos cursos de autoajuda. Isso a palavra de Deus nos garante, o seu “Sim”, como sempre o foi, aparece transfigurado, de forma humilde e muitas vezes invisível aos olhos do poder e da força. Ele se manifesta nas ações serenas e corajosas daqueles que, em nome de Cristo, ousam amar sem preconceitos e sem condições, que se colocam ao lado dos pobres, dos marginalizados e dos excluídos. É o “Sim” encarnado na parábola do bom samaritano (Lucas 10.25-37), que não pergunta sobre a religião ou a nacionalidade do homem caído à beira do caminho, mas simplesmente se compadece e cuida dele. É o “Sim” presente naqueles que compreendem que a fé não é uma arma para julgar e condenar, mas um dom para servir e amar.

68

3 O BRASIL COMO ESPELHO: A DIVERSIDADE COMO IMPERATIVO TEOLÓGICO

Uma compreensão adequada do tempo presente e da vocação da Igreja no Brasil exige um mergulho profundo naquilo que constitui a identidade mais fundamental da nação: sua incomparável diversidade. Longe de ser um mero detalhe sociológico, a diversidade brasileira, confirmada de forma espetacular por recentes pesquisas genéticas, se revela como um imperativo teológico, um espelho que reflete

a própria natureza da criação e desafia qualquer projeto de uniformidade religiosa ou cultural.

Em maio de 2025, a comunidade científica internacional voltou seus olhos para o Brasil com a publicação, na prestigiosa revista *Science*, dos resultados do projeto “DNA do Brasil”. Tratou-se do primeiro sequenciamento completo e em larga escala do genoma da população brasileira, analisando o DNA de 2.723 indivíduos de todas as regiões do país, incluindo comunidades urbanas, rurais, ribeirinhas e indígenas. Os resultados foram impressionantes e confirmaram o que a história e a cultura já sugeriam: o Brasil é a nação com a maior diversidade genética do mundo.²⁰

A pesquisa revelou um mosaico de ancestralidades, com a população brasileira sendo composta, em média, por 60% de herança europeia, 27% africana e 13% indígena. Mais do que isso, o estudo descobriu 8,7 milhões de variações genéticas que nunca haviam sido catalogadas em nenhuma outra população do planeta.²¹ Essas variações contam a história de 500 anos de encontros, desencontros e, muitas vezes, violência. O DNA brasileiro carrega as marcas da colonização, com a predominância de linhagens paternas europeias e linhagens maternas africanas e indígenas, um testemunho silencioso da violência sexual sofrida por mulheres escravizadas e nativas.²² O estudo também revelou a sobrevivência genética de povos indígenas exterminados, cujos genomas persistem em fragmentos no DNA dos brasileiros de hoje. Encontrou, ainda, combinações de genomas africanos que só se misturaram em solo brasileiro, unindo povos que na África estavam geograficamente distantes. O Brasil, portanto, não é apenas um país diverso; ele é a própria encarnação da miscigenação, um laboratório vivo da complexidade da história humana. O Brasil é o lugar em que a criação de Deus se reencontra consigo mesma, sua diversidade

²⁰ CASEMIRO, Poliana. Pesquisa analisa DNA do brasileiro e descobre que país tem a maior diversidade genética do mundo; veja na sua região. **G1**, 15 abr. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2025/05/15/pesquisa-analisa-dna-do-brasileiro-e-descobre-que-pais-tem-a-maior-diversidade-genetica-do-mundo-veja-na-sua-regiao.ghtml>. Acesso em: 16 set. 2025.

²¹ ESCOBAR, Herton. Estudo mapeia impactos da miscigenação no DNA e na saúde da população brasileira. **Jornal da USP**, 26 abr. 2025. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/estudo-mapeia-impactos-da-miscigenacao-no-dna-e-na-saude-da-populacao-brasileira/>. Acesso em: 16 set. 2025.

²² BIERNATH, André. Como a história do Brasil deixou marcas até no nosso DNA. **BBC Brasil**, 15 maio 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cev4jx0ydx9o>. Acesso em: 16 set. 2025.

expressa, no plano criatural, a perspectiva segundo a qual todos os seres humanos foram criados à imagem e semelhança de Deus.

3.1 Implicações Teológicas da Diversidade

O que essa profunda diversidade genética tem a dizer à teologia e à Igreja no Brasil? A resposta é: tudo. Se a teologia é “fé que busca compreender”,²³ ela não pode ignorar a realidade concreta na qual está inserida. A diversidade não é um problema a ser superado, mas um dado da criação a ser celebrado. O “Sim” de Deus, que se manifesta na graça, também se revela na multiplicidade de cores, culturas e histórias que compõem a humanidade. O Brasil, com sua riqueza genética, é um testemunho eloquente dessa verdade.

Uma igreja que realmente compreende o tempo presente é aquela que se reconhece como parte dessa diversidade e a abraça como vocação. Tentar impor um modelo único de fé, uma cultura hegemônica ou uma identidade cristã monolítica é remar contra a maré da própria história e, mais grave, contra a revelação de Deus na criação. O “Sim” de Deus para o Brasil está no amor e no respeito ao próximo em sua riqueza genética e cultural. Qualquer projeto que busque anular essa diversidade em nome de uma suposta “pureza” doutrinária ou moral se alinha, teologicamente, com o “Não” do juízo divino.

Nesse sentido, a fé cristã, como insistiria Kierkegaard, é uma experiência que acontece no indivíduo. É o encontro pessoal e intransferível com o Cristo que chama cada um em sua singularidade. Apenas o indivíduo, ao receber o Espírito de Deus, pode assumir livremente os mandamentos do Evangelho. A tentativa de impor esses mandamentos pela força do Estado, de transformar princípios da fé em políticas públicas que se aplicam a todos, crentes e não crentes, é uma distorção fundamental da natureza da fé. Não se pode legislar a conversão, nem decretar o Reino de Deus. A proibição do aborto ou das drogas, por exemplo, quando defendida como uma imposição da moral cristã sobre toda a sociedade, representa essa confusão entre a esfera da consciência individual e a esfera da lei civil. A pessoa alcançada pela

²³ BARTH, Karl. **Fé em busca de compreensão**: Fides quaerens intellectum. São Paulo, SP: Novo Século, 2000.

gratuidade de Deus, esta sim, assume os mandamentos da vida, e os faz valer para si, sendo sua ressonância na sociedade seu fruto exemplar e eficaz (Gálatas 5.22-23).

Não existe “Estado cristão”, “pátria cristã” ou qualquer coisa do gênero. O que existe, e o que a sociedade tem o direito de esperar, são cristãos que vivem a verdade do Evangelho de forma autêntica e coerente. O impacto do cristianismo na sociedade não se dá pela tomada do poder, mas pelo testemunho. É a presença de Cristo refletida na vida dos cristãos – em sua ética, em sua compaixão, em seu serviço – que pode transformar a sociedade, mas nunca a imposição de uma “sociedade de Cristo” por meios políticos. A unidade do evangelicalismo só será efetiva caso, e apenas deste modo, saiba respeitar a diversidade que se expressa tanto biológica quanto culturalmente. A sociedade só muda à medida que indivíduos tenham a chance de mudarem a si mesmos, e não por decreto e força da lei, como se deu no falido sistema de crmandade.

CONCLUSÃO

A trajetória do evangelicalismo brasileiro, marcada por um crescimento impressionante e uma fragmentação igualmente notável, nos coloca diante de um questionamento fundamental: ainda existe um centro comum, uma identidade teológica que o unifique? Nossa consideração aqui, desenvolvida à luz da teologia dialética, sugere que a busca por um centro monolítico pode ser, em si, uma empreita equivocada. A crise atual, manifestada na politização radical e na pulverização doutrinária, pode ser interpretada como um “Não” de Deus à tentativa humana de construir um reino próprio, de instrumentalizar a fé para projetos de poder que negam a essência do Evangelho.

Em contrapartida, ousar arriscar, sob todos os riscos que nisso existe, que o “Sim” da graça divina ressoa de forma discreta, mas persistente, não nas estruturas de poder, mas na prática do amor incondicional, no serviço ao próximo e no respeito à dignidade de cada indivíduo. A parábola do bom samaritano continua sendo o paradigma de uma fé que transcende barreiras religiosas e culturais para se fazer presente na necessidade do outro. Isso pode, a princípio, soar por óbvio demais; no

entanto, o que ressoa no fundo desse raciocínio é nada mais do que a antiga e sempre válida questão levantada por Jesus: quem é meu irmão? (Mateus 12.50; Marcos 3.35). É a persistente e incômoda questão que não se atém à liturgia ou à doutrina, mas a de saber *onde está meu irmão* (Gn 4.9-10).

Nesse sentido, a profunda diversidade genética e cultural do Brasil não é um obstáculo, mas uma chave hermenêutica. Ela nos ensina que o respeito às diferenças é um imperativo teológico. O “Sim” de Deus para a nação brasileira se revela na celebração de sua multiplicidade. Uma igreja que se fecha em guetos identitários e busca impor sua visão de mundo pela força da lei se afasta de sua vocação profética e se torna apenas mais um grupo de interesse na arena política.

Em última análise, a questão da identidade evangélica não se resolve com a imposição de uma nova ortodoxia, mas com o retorno à radicalidade do Evangelho. A fé, como um evento que acontece no indivíduo, não pode ser legislada nem instrumentalizada. O chamado para os cristãos não é construir uma “sociedade de Cristo”, mas ser o reflexo de Cristo na sociedade, testemunhando o amor, a justiça e a misericórdia do Reino de Deus. A verdadeira relevância do evangelicalismo brasileiro não será medida por seu poder político, mas por sua capacidade de encarnar o “Sim” de Deus em um mundo que anseia por graça e reconciliação. Como bem lembrou Barth, em sua crítica aos socialistas religiosos na conferência de Tambach, na Alemanha, em 1919, “o cristão é o Cristo. O cristão é aquilo em nós que não somos nós, mas Cristo em nós”.²⁴ Esse é o efeito que toda a sociedade “geme e está juntamente com dores de parto até agora”, aguardando a manifestação dos justificados em graça, a que em graça, também justifiquem.

72

REFERÊNCIAS

APOLINARIO, Carlos. O Congresso deve aprovar o projeto de lei que criminaliza a homofobia? NÃO. **Folha de São Paulo**, Tendências/Debates, São Paulo, 04 dez. 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0412201008.htm>. Acesso em: 16 set. 2025.

²⁴ BARTH, 2018, p. 19.

BARTH, Karl. **A carta aos Romanos (Segunda versão) 1922**. KOOI, Cornelius van der; TOLSTAJA, Katja (Eds.). São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2016. p. 43-55.

BARTH, Karl. **Dádiva e louvor: ensaios teológicos de Karl Barth**. 4. ed. revisada. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2018. p. 69-70.

BARTH, Karl. **Fé em busca de compreensão: Fides quaerens intellectum**. São Paulo, SP: Novo Século, 2000.

BIERNATH, André. Como a história do Brasil deixou marcas até no nosso DNA. **BBC Brasil**, 15 maio 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cev4jx0ydx9o>. Acesso em: 16 set. 2025.

BILHALVA, Alexandre Oliveira. **Os desigrejados: estudo sobre o fenômeno da desinstitucionalização contemporânea nas igrejas evangélicas**. Dissertação. 114 f. (Mestrado em Teologia) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/9167/2/FINAL%20defendido.pdf>. Acesso em: 15 set. 2025.

BRANDÃO, André Augusto Pereira; JORGE, Amanda Lacerda. A recente fragmentação do campo religioso no Brasil: em busca de explicações. **Revista de Estudos Sociais**, p. 79-90, jul. 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/revestudsoc/46128>. Acesso em: 16 set. 2025.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **PEC 75/2019**. Proposta de Emenda à Constituição. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2229539>. Acesso em: 15 set. 2025.

CASEMIRO, Poliana. Pesquisa analisa DNA do brasileiro e descobre que país tem a maior diversidade genética do mundo; veja na sua região. **G1**, 15 abr. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2025/05/15/pesquisa-analisa-dna-do-brasileiro-e-descobre-que-pais-tem-a-maior-diversidade-genetica-do-mundo-veja-na-sua-regiao.ghtml>. Acesso em: 16 set. 2025.

Católico ou evangélico? Qual a religião de Bolsonaro? **UOL**, São Paulo, 06 nov. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/10/06/catolico-ou-evangelico-qual-a-religiao-de-bolsonaro.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 16 set. 2025.

COSTA, Magnus Carlo de Oliveira. **A Frente Parlamentar Evangélica e Apoio à Vida (FPE): desafios para a teologia pública**. São Leopoldo, RS, 2015. Dissertação. 86 p. (Mestrado Profissional) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São

Leopoldo, 2015. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/601/1/costa_mco_tmp390.pdf. Acesso em: 15 set. 2025.

DINIZ ALVES, José Eustáquio. O voto evangélico garantiu a eleição de Jair Bolsonaro. **IHU**, 01 nov. 2018. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/pedro-venceslau/politica/pt-vai-ter-mais-evangelicos-nas-direcoes-partidarias-diz-dirigente/>. Acesso em: 16 set. 2025.

ESCOBAR, Herton. Estudo mapeia impactos da miscigenação no DNA e na saúde da população brasileira. **Jornal da USP**, 26 abr. 2025. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/estudo-mapeia-impactos-da-miscigenacao-no-dna-e-na-saude-da-populacao-brasileira/>. Acesso em: 16 set. 2025.

KIERKEGAARD, Søren. **O desespero humano**. 6. ed. Porto: Livraria tavares Martins, 1979. p. 201-211.

KIERKEGAARD, Søren. **Temor e tremor**. Lisboa: Guimarães Editores, 1990.

LEMOS, Carolyne Santos. Teologia da Prosperidade e sua expansão pelo mundo. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 11, n. 20, p. 80-96, jul/dez, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/download/35992/24781/99230>. Acesso em: 15 set. 2025.

74

MAIA, Eduardo Lopes Cabral. Os evangélicos e a política. **Em Tese**, v. 2, n. 2, p. 91-112, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/13538>. Acesso em: 16 set. 2025.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990. p.11.

PAULO, Paula Paiva. Crescimento da população evangélica no Brasil. **G1**, 26 jun. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/censo/noticia/2025/06/06/1-em-cada-4-brasileiros-e-evangelico-percentual-e-maior-entre-mais-jovens-mostra-ibge.ghtml>. Acesso em: 16 set. 2025.

PIO, Guilherme Nonato. Evangelhos Neoliberais: as narrativas digitais dos pastores coaches. 22º CONGRESSO DE SOCIOLOGIA, USP, São Paulo, 15-18 de julho, 2025. Disponível em: <https://www.sbs2025.sbsociologia.com.br/arquivo/downloadpublic?q=eyJwYXJhbXMiOiJ7XCJJRF9BUiFVSZPXCi6XCI1MDcxXCJ9IiwiaCI6IjA2ZGM3ZTA0MmRmYjYzO TEwODVIMmFkN2lwOGVjMWM2In0%3D>. Acesso em: 15 set. 2025.

PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan William dos. dos. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica. **Tempo Social**, 29(2),

p. 187-213, 2017. p. 187. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.110052>. Acesso em: 15 set. 2025.

SILVEIRA CAMPOS, Leonildo. Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p.504-533, jul./set. 2011. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/download/P.2175-5841.2011v9n22p504/2909/10387>. Acesso em: 15 set. 2025.

VENCESLAU, Pedro. “PT vai ter mais evangélicos nas direções partidárias”, diz dirigente. **CNN Brasil**, 07 abr. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/pedro-venceslau/politica/pt-vai-ter-mais-evangelicos-nas-direcoes-partidarias-diz-dirigente/>. Acesso em: 16 set. 2025.